O INCENDIO DE MOSKOW,

OU

A QUEDA DE NAPOLEON.

Poema Hexametrico.

COMPOSTO PELO

D[or.] V. P. NOLASCO DA CUNHA.

E DEDICADO

A SUA MAGESTADE IMPERIAL

ALEXANDRE PAULOWITZ,

AUTOCRATA DE TODAS AS RUSSIAS, CZAR DE MOSCOVIA,

&c. &c. &c.

LONDRES:

H. BRYER, IMPRESSOR, BRIDGE-STREET, BLACKFRIARS.

AO IMPERADOR ALEXANDRE.

Senhor,

O illustre nome de Libertador da Europa, que taõ justamente he devido a Vossa Magestade, naõ so lhe segura o amor e o reconhecimento dos povos; mas por toda a parte desperta as mais vivas emoçoens d'enthusiasmo, e admiraçaõ. Quem pode, com effeito, ser espectador indifferente das brilhantes scenas de gloria, a que preside o genio heroico de Vossa Magestade? Colocando a no ponto mais elevado e mais critico dos acontecimentos humanos, a Providencia quiz mostrar ao mundo em Vossa Magestade o Restaurador das naçoens, e o mais bello modello dos Soberanos.

Tocada vivamente dos nobres triumphos, como das sublimes virtudes de Vossa Magestade, a minha fraca muza, Senhor, ouza levantar a voz das bordas do Thamiza, que de suas ondas homogeneas reflecte o lustre nacional do Neva: e dirigir-lhe nos seos accentos huma prova do profundo respeito, e devoçaõ que sinto pela augusta Pessoa de Vossa Magestade; e em nome de hum vassallo Portuguez, demais a mais

offerecer-lhe hum testemunho daquella reciproca affeiçaõ, pasmosa semelhança, e intima sympathia das duas Naçoens a Russa e a Portugueza, que posto colocadas em climas tao distantes, e taõ diversos, se tocaõ de taõ perto pelo sentimento, e gloriosa conducta.

Digne-se pois VOSSA MAGESTADE *aceitar a homenagem de quem, ja se julga muito honrado em chamar-se.*

SENHOR,

DE VOSSA MAGESTADE IMPERIAL,

MUITO HUMILDE E OBEDIENTE SERVO.

VICENTE PEDRO NOLASCO DA CUNHA.

O

INCENDIO DE MOSKOW,

OU

A QUEDA DE NAPOLEON.

Poema Hexametrico.

> Urbs antiqua ruit, multos dominata per annos—
> ———Nec soli pænas dant sanguine Teucri,
> Victoresque cadunt Danai. VIRGILIO.

RUINAS fumegantes, preza do Crime e da Morte
Salve! De Moskow extincta bem-vindos Horrores!
Vos quadro pavoroso aos olhos, que turva de pranto
Sympathica fonte; mas formosissima gala
A' Mente ostentaes excelsa, que ufana revolve
De indomita Virtude feitos, e d'alta Coragem,
Quaes esses, Rostopchin, com que na Fama reluzes!

Ao dia exhibindo as cores do Tartaro negro
Moskow ardeo! He cinza; no chaõ poz a frente
Moskow, que a pouco aos ares soltava luzindo

Rica de brilhantes gemmas a esplendida coma.
Do Norte a Capital antiga, riquissimo berço
Do vasto esplendor d'Azia, qual Troia do cume
Rue com fracasso horrendo. Seu amplo recinto,
Palacios, cazas, templos nivela a poeira.
Ja sobre arrazados muros ondêa do Crime
O fero estandarte, emblema das Corsicas armas.
Oh Ceos! Qual Furia horrenda, que rigido Numen
Taes males espalhou na terra? Que Maõ dezabrida
Rasgou pezada o seio da Europa tremente?

De atroz poder armado, na morte fecundo
Do Mal o Genio reina. Sanguineas ondas,
Fumantes estragos sua prezença demostraõ.
Do Crime pela maõ erguido no throno cruento,
Onde seos feitos Gallia sagrara nefandos,
Os olhos revirando o Monstro, que em raiva fuzilaõ,
Qual torvo de extensa grenha radiante cometa,
Que proximos a pias mentes agoira dezastres,
Voltou para o Norte o aspecto. Da gelida Zembla

Ás praias do Euxino vendo gigantica força
Braço colossal oppor-lhe, riscar-lhe decretos,
Com desdem nobre repercutir-lhe ameaços.
Bramindo raiva, novos concebe furores,
Rivaes so quer extinctos; e á lucta revoa.

Das curvas Naçoens, que piza com ferrea planta,
Que a seu aceno escravas tremendo obedecem,
Compelle as varias turmas, a rota dezenha,
E ao campo leva de estranha mole phalanges.
Ja marchaõ, e o Niemen cruzaõ de innumeras hostes
Densos tropeis, que a preza naõ gloria buscaõ.
Que á voz alheios da humanidade gemente
No sangue dos povos sede atrocissima sevaõ.
Fitando o espolio, cegos servindo o tyrano,
Que eterna escravidaõ ao mundo projecta maligno,
Correm aos estragos, e desolando triumphaõ.
D'infamia systema horrendo! Por elle somidos
Thronos, que arrazara o Monstro com jubilo vendo,
Nas artes da intriga e peita levando recursos,

Do exercito invasor á frente com pompa se avança.
Do crime eis se topaõ bandos, e patrias hostes;
Trava-se nas densas massas naõ-vista peleja,
De mil troadores bronzes sahe rapida a Morte,
E em lagos de sangue horrenda se alastra a Ruina.
Desfeito, mas ainda fero se arroga triumphos
O chefe da Invasaõ, e crendo o remate selar-lhe,
Dos Cezares do Norte eis entra na pristina Séde.

No Kremlin ja pouza, donde fulmina terrores,
E reo, e juiz sentado, sem lei decretando,
Feitos, a que deo ja preço, condemna punindo.
Algoz purpurado, sangui-sedento homecida!
Quaes saõ teos crimes? Quem teos horrores iguala?
Qual Atila marchando, povos quer barbaro pizes,
Quer folgues, qual Nero, os olhos nutrindo ferozes
De vasta capital nas chamas, a horrida sempre
Fama dos monstros em pre-eminencia passas.
Porem do Justo as normas debalde atropelas,
Punes o valor inerme, proscreves a honra;

Debalde soffocar intentas a voz da verdade.
Dos reprobos na lista ja te proclama troando;
Do taliaõ justo a pena ja desce a ferir-te.
Carnifice da especie humana! do mizero sangue
Vertido, dos teos horrores, que o Ceo ja fatigaõ,
A ter a paga, e os fructos commeça devidos.
Teu Fado tardar naõ pode—sim, elle se avança.—
Vê ja como vem coberto de feia caligem!
Como ao claraõ das chamas negreja medonhas,
Que o fogo tartareo vencem! Quem pode livrar-te
Da Maõ immortal potente, que abrange dos orbes
O circulo, o principio, a sorte regula dos entes,
E exerce hum Poder eterno, que pune e premea,
Poder, que em vaõ da mente, da vista removes.
Com horridos traços Ella te risca a parede
Do novo alcaçar, onde a sentença te lavra,
Que teve devida menos o Despota Medo.
Naõ dorme a Justiça eterna. Buscando repouso
Em vaõ cerra o Crime os olhos. A Mente barreiras
Naõ tem, que á entrada opponha de insomnios atros,

A medos, que trazem dias de horrificas obras,
A sombras, que geraõ de acre vigilia noites.—

Do barbaro Intruso tal foi a sorte no Kremlin!
O Alfange, que pende agudo sobre impia fronte,
Fuzila, e lhe aponta ao seio, que gelido treme,
Que mudo o Terror lhe aperta com bronsea dextra.
Fugir medita. Nada mais resta que a fuga
No extremo lance aos fracos. Tem azas o Medo,
Quando naõ lhe tolhe os voos instante ruina.
Napoleon Dedalo ser bem quizera, mas obstaõ
Tropeços, damnos, que infausta queda lhe agoiraõ.

Qual preso reo, da morte, que a lei lhe decreta,
Fugir tentando; os muros do carcere força,
E bem que por azilo mares so veja profundos,
Salta, e no despenho á sorte se entrega das ondas—
Tal vendo seu damno certo, se aguarda momentos,
Napoleon deixa o Kremlin, que á raiva commette
De fera explosaõ; e abrindo retrograda marcha

Bravos campioens arrosta que o passo lhe tolhem.—
Da crua Invasaõ a enchente mudada reverte,
E os que espalhara em torno, concentra pavores.
Eis sobre as fugaces hostes, que o Crime guiara,
Que os Ceos ultrajar, e os homens taõ longe vieraõ,
Terrivel cahe o pezo da Colera eterna.
Do crime os tropheos naõ duraõ. Seu sceptro pezado
Quanto mais se estende, facil mais verga, e se prostra—
Mas quem vence povos, que a liberdade prezando
Por Deus, por seu rei, e por sua patria luctaõ?
Eis, horrido Monstro, os fructos da sede cruenta,
Da cega ambiçaõ que em turvo delirio sevas.
Soffre pelo mal, que has feito. Quem pode pagalo?
Teos crimes impunidos foraõ sem penas eternas.
Embora o naõ creas. Mas quem o equilibrio rege
Dos mundos, da moral naõ deixa sem leme o governo.

Corre á tua sorte. Ja calamidade tremenda
Teos socios do crime fere. Mizerrima turba
Da humana vingança objecto, e da raiva celeste

Nem digna he de pranto, odios so move execravel.
Do Ceo o favor se ostenta na cauza do Justo;
E nobre a Virtude se ergue da rustica massa.
Coragem tosca vence ignominia culta.
Saõ ferreos homens, que naõ hebeta o Regalo,
Que os vicios ignoraõ da soldadesca nefanda;
Saõ rijos elementos postos em turbida lucta
Que ao fero Inimigo os damnos, a perda realçaõ.
Da patria o Amor, qual raio de electrica chama,
Alvergues queima, e plantas, hum ermo de cinzas
Cria, que rodea, exhaure famelicas hostes.
Hum cumulo de Horror caminha ;—negreja o Dezastre.
E a Fome, e o Frio com mais crueza que a morte
Da rude Mizeria os golpes, as chagas avivaõ;
E de exasperadas victimas o campo semeaõ,
Dos socios, oh Ceos! restantes, horrifico pasto!
Do exercito invasor, que altivo fizera progressos,
Ao longo ja roto, e frio se extende o cadaver,
De aves de rapina e corvos a sordida preza.
Junto ás carcaças que a immunda gula disseca,

De Moskow apparece a vasta riqueza no campo,
O espolio apparece das sacratissimas aras,
Que os impios do templo, que haõ profanado, traziaõ.

Seu Chefe, ás pragas sobrevivendo pezadas
Dos tristes que deo a morte; ja foge, dezerta,
A purpura, que mancha, larga; de servo no trage
Se esconde; e recobrando a forma, que teve primeira
Das iras, que provoca infame, se livra humilhado.
Torna, porem como? Ignobil qual era no berço;
Sem louros que esmaltem sua baixeza nativa,
Sem nome que envernise crimes, que Nome lhe deraõ.
Quebrada sem reparo a mola da maquina vasta,
Motora de crueis poderes, que a Fraude nutria.

Russia, teos bravos filhos a empreza acabaraõ
Maior, que as idades viraõ. Quebrou-se a corrente,
Que ao Genero humano multiplicava cadeas.—
Grande Kutusoff, sabio Wittgenstein, valeroso
Platoff, na presteza vivo retrato d'Achilles.

Insignes varoens, que ao Mundo, aos posteros Evos
Deixaes de acçoens tamanhas a inclyta herança,
Colhei, quaes devidas palmas, a sua homenagem.

E tu dos Monarcas lustre, que a Gloria fitas,
Marcada aò buril Divino d'Archetypa Forma.—
Dos povòs Redemptor, e Apoio, que o duplice jugo
Do Crime, e da Força perseverando quebraste.
Que titulos novos a teu Renome se devem?
Do Norte auspicios quer Astro novo derrames,
Quer Anjo Assolador Poderes do Abysmo repulses
Tu, a quem naõ veda humano, ser Numen, o Fado,
Acolhe, Alexandre, os votos, o culto, que deve
A teos immortaes triumphos a Terra Liberta!

Lysia, cara patria exulta! De louros eternos
A frente suberba cinge. Tu foste a primeira,
Que nas Europeas plagas quebraste valente
Do intruso Mando os ferros; que bellica déste
Guiada ao saber e a dextra do Marte Britano

D'altura de Bussaco o fero terrifico golpe,
Que o Monstro fez voltar urrando, coberto de sangue,
De horror tremendo; e a preza largar-lhe fizeste!

Lysia que assombros quiz Natureza dotar-te?
No espaço pequena, grande na orbita fulges
Da terra; tua acçaõ na rota termina dos astros,
E onde o braço teu naõ chega, teu lustre penetra.
Assim teu exemplo, qual meteoro brilhante,
Que o ar fendendo as sombras esmalta da noite,
Voou do Tejo, erguido nas lucidas azas,
Ao seio do Norte; e chamas soltando fecundas,
As massas ateou enormes do fervido raio,
Que a Patria vinga, que a Tyrania amedronta.

Povos exultai da terra! Ja proxima soa
Do vosso resgate a hora.—Naõ tarda o Triumpho.
Da Liberdade a Aurora se ergueo do Ocidente;
No pleno Zenith seu Dia se avança do Norte.

Filhos da Gloria, da Heroicidade guerreiros!
Meos versos acolhei. Justiça me ordena sagrar-vos
Este de contente applauzo sem mancha tributo.
Ah possa meu canto, a turbida noite dos annos
Rompendo, esturgindo o seio da tacita campa,
Solto pela Terrea mole com ella vagando,
Crear hum Terror secreto, que os peitos abale
Dos palidos Tyranos; e com ruido medonho
Nas chamas, que em Lysia ardendo, Moskow abrazaraõ,
Mostrar o pharol acezo, que os tristes Humanos
Salve do Naufragio, salve das turgidas ondas.

Impresso por H. Bryer, Bridge-street, Blackfriars, em Londres.